

VIOLÊNCIAS E O CYBERBULLYING: ESTUDANTES CONTRA DOCENTES

Rafaela Rodrigues Rodz¹

RESUMO: A revolução microeletrônica deu origem a uma informação impessoal, fragmentada, instantânea e simultânea, concomitantemente com a produtibilidade dos chamados produtos culturais provocou uma reconfiguração identitária na sociedade hodierna. Posto isto, tal processo produziu consequências significativas na articulação entre aluno e professor, de maneira que os discentes encontram nas mídias online uma forma fácil e rápida de se dirigir ao professor em termos de crítica e bullying. Em consequência, os docentes se deparam com a violência de cyberbullying praticada por seus alunos, afirmando que o professor não é mais identificado como figura de autoridade. O presente trabalho buscou analisar a compreensão de estudantes de Ensino Médio sobre esta violência cibernética e as origens dessa prática contra seus professores. Para a produção de dados, realizaremos cinco questionamentos relacionados à violência de cyberbullying no campo educacional para estudantes do primeiro ao terceiro ano do Ensino Médio de uma escola Estadual de Ensino Integral, de São Carlos – SP. A análise permitiu-nos identificar que os alunos investigados na maioria das perguntas ficaram indiferentes a respeito do tema e que essa violência virtual ainda não é totalmente vista como uma violência de fato. Além disso, concebem que o cyberbullying se origina na maior parte, de problemas derivados do contexto social em que estão inseridos.

Palavras-chave: Violência. Cyberbullying. Alunos. Professores.

CYBERBULLYING AND VIOLENCE: STUDENTS AGAINST TEACHERS

ABSTRACT: The microelectronic revolution gave rise to an impersonal, fragmented, instantaneous and simultaneous information, concomitantly with the producibility of the so-called cultural products provoked an identity reconfiguration in modern society. Having said this, this process has had significant consequences in the articulation between student and teacher, so that the students find in the online media an easy and fast way to address the teacher in terms of criticism and bullying. As a result, teachers are faced with the cyberbullying violence practiced by their students, stating that the teacher is no longer identified as a figure of authority. The present work sought to analyze the understanding of high school students about this cybernetic violence and the origins of this practice against its teachers. For the production of data, we will perform five questions related to cyberbullying violence in the educational field for students from the first to third year of high school of a State School of Integral Education, in São Carlos - SP. The analysis allowed us to identify that the students investigated in most of the questions were indifferent about the subject and that this virtual violence is not yet totally seen as a real violence. In addition, they conceive that cyberbullying originates mostly from problems derived from the social context in which they are inserted.

Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de São Carlos UFSCar/Iniciação Científica (CNPq/UFSCar). E-mail: rafaelarodz@hotmail.com

Keywords: Violence. Cyberbullying. Teachers. Students.

Introdução

A análise da violência virtual de *cyberbullying* foi escolhida, dentre tantas outras provenientes do âmbito escolar, devido ao crescimento saliente desta atividade e a presença constante da proliferação de imagens e comentários humilhantes postados por alunos contra seus professores nas redes sociais, como por exemplo, *Facebook* e *YouTube*, à custa do fácil e amplo acesso. Bem como a carência significativa que o campo educacional detém quanto aos estudos nessa área crítica, fazendo-se necessário pesquisas e investimentos que auxiliem na exploração e compreensão do tema.

Tokunaga (2010) condensou 25 definições acadêmicas de *cyberbullying*, criando a seguinte elucidação:

Qualquer comportamento realizado através de meios eletrônicos por indivíduos ou grupo de indivíduos que repetitivamente comunicam imagens hostis ou agressivas destinadas a causar danos ou desconforto a outros. (TOKUNAGA, 2010, p. 278)

Os estímulos audiovisuais presentes nos mais variados aparelhos tecnológicos competem entre si para capturar a atenção de quem os utiliza, com isso na esfera online as publicações e compartilhamentos tornam-se cada vez mais explícitas e agressivas. Com o advento da competição de atenção com as brincadeiras, as pessoas ultrapassam a linha do humor e tornam-se *cyberagressores*, em função de conseguir cada vez mais “curtidas” e visualizações.

As formas típicas de *cyberbullying* explicitadas por O’Higgins e Connolly (2011) incluem: 1) *Cyberbullying* raivoso: mensagens irritadas, grosseiras e vulgares sobre uma pessoa para um grupo ou pessoa on-line por e-mail ou outras mensagens de texto; 2) Assédio Online: envio repetitivo de mensagens ofensivas por e-mail ou texto para a outra pessoa; 3) *Cyber*-perseguição: assédio e perseguição online que inclui danos e ameaças; 4) Difamação online: envio de declarações nocivas, falsas ou cruéis sobre uma pessoa para outras pessoas ou publicando tais materiais on-line; 5) Máscara: fingir ser outra pessoa e enviar ou publicar materiais sobre a pessoa fazendo com que a vítima pareça ruim; 6) Publicação: Envio ou publicação de material sobre uma pessoa que contém informações sensíveis, privadas ou embaraçosas.

Cabe observarmos a compatibilidade deste conceito com o de *bullying*, veiculando aspectos culturais, sociais e políticos, em atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, sublinhadas pela situação desigual de poder, que marcam as vítimas através da intimidação, humilhação, medo e angústia. Entretanto diferencia-se na característica, de acordo com Patchin e Hinduja (2006), de que o *cyberbullying* ocorre através de um dispositivo eletrônico, e os *cyberbullies* podem direcionar-se as vítimas elas estando ou não presentes fisicamente. Além disso, em ambientes on-line, onde a força física mantém menos influência, a diferença de poder entre *bully* e vítima é muitas vezes caracterizada por outros fatores, como habilidade tecnológica ou anonimato (VANDERBOSCH e VAN CLEEMPUT, 2008). Ademais, as informações pejorativas se espalham com rapidez e perde-se o controle

de até onde elas podem ir, sublinhando o fato de que elas se tornam permanentes, uma vez colocadas na rede, podem permanecer por tempo indeterminado.

Recorrendo às palavras do pensador frankfurtiano, Theodor W. Adorno, a docência era exercida por escravos, escribas, monges e ainda por soldados reformados. Fatores que contribuíram para a sedimentação de uma imagem negativa do professor (ADORNO, 1995). Assevera Zuin (2012) que a história da aplicação de violências físicas e simbólicas em alunos se confunde com as origens das próprias relações de ensino e aprendizagem.

Embora tenha ocorrido a abolição dos castigos físicos impostos pelos professores, devido à vinculação de determinadas interdições psíquicas a imagem da docência permanece associada à de carrasco. Sendo lícito citar que as agressões não eram apenas físicas, mas também psicológicas e verbais, e que permanecem mascaradas até hoje através das punições e violências simbólicas.

De fato, os professores carregam arcaicamente consigo os tabus imputados a profissão de ensinar, e concomitantemente as ramificações que se enquadram no sadismo pedagógico, remetendo-se ao sentimento de onipotência e narcisismo, produzindo nos alunos sentimentos ambíguos, fazendo com que esse ofício ainda seja visto como tabu.

Observamos com frequência como a revolução microeletrônica promoveu uma reconfiguração identitária na sociedade hodierna, proporcionada pela reprodutibilidade técnica dos chamados produtos culturais, como destacou Walter Benjamin nas primeiras décadas do século XX. Há uma pressão e compulsão para emitir narcisicamente a própria imagem, a ação de ser é direcionada em ser percebido eletronicamente. Em termos psicanalíticos a compulsão para emitir eletronicamente a própria imagem faz com que a libido que fora deslocada para a imagem do professor retorne narcisicamente para o eu exposto espaço virtual (ZUIN, 2012). Ademais, entende-se a partir de Türcke (2010) que a partir da necessidade de confirmar a própria imagem nas redes sociais, constitui-se uma nova ontologia, que limita de tal modo a identidade de alguém que não a confirme eletronicamente, como uma não existência viva.

Posto isto, nitidamente tal processo produziu também consequências significativas na articulação entre aluno e professor, de maneira que os alunos encontram nas mídias online a forma mais fácil e rápida de se dirigir ao professor em termos de crítica e *bullying*, expondo o que não conseguem em sala de aula. Com isso, os docentes se deparam com o *cyberbullying*, praticado por seus alunos, sendo que de acordo com pesquisas recentes de Antônio A. S. Zuin (2017) essa ação é identificada como uma das principais formas de violência de alunos contra professores. Há mais, os alunados não mais reprimem seus ressentimentos em relação à figura do mestre, e usam a via online para reagir a alguma humilhação ou fator negativo que em algum momento foi sujeitado em aula. Encontram ainda, nas ferramentas cibernéticas uma saída para expor todo sentimento ambivalente que reprimem diante da imagem do professor, impondo descrições, insultos e rotulações, a fim de aviltar os docentes. Impulsionados pelo fato de terem o rosto mascarado pelas telas virtuais, emergindo a sensação de impunidade, como em uma guerra sem rostos, utilizando a pontuação de Bandura (1992). Ressalta-se que com isso, ocorre o enfraquecimento da imagem de autoridade do professor, como havia refletido Adorno (2001) mediante as outras questões em Tabus acerca do Magistério.

Em sintonia com o aparato tecnológico, a figura vigente do docente encontra-se em uma metamorfose, usando a expressão de Zuin (2012). Entende-se que o professor, assim como todas as pessoas diante da progressiva evolução da tecnologia, está em adaptação. Os agentes educacionais encontram-se numa relação não mais pautada pela submissão e adoração, enfrentando o risco de os alunos não terem mais o professor como ideal de eu. Observamos a partir de Zuin que:

Na sociedade da atual indústria cultural, na qual se afirmam cada vez mais as crianças-adultas e os adultos-crianças, parece acontecer uma espécie de curto-circuito no desenvolvimento psicocognitivo do aluno, de tal modo que a imagem do professor como autoridade que deveria ser gradativamente superada raramente ocupa o posto do ideal do eu do aluno. (ZUIN, 2012, p. 218).

Além disso, os agentes educacionais estão sendo bombardeados hodiernamente pela distração concentrada e abalados pelos choques imagéticos dos produtos virtuais, com isso acontece uma substituição do ideal de eu antes remetido ao professor, pelos choques áudio visuais, em que a libido é direcionada para o próprio aluno, o que pode afetar no processo formativo dos discentes, caminhando ao arrefecimento da vontade de ensinar por parte dos docentes e também a aversão e insatisfação dos alunos com esta profissão. Bem como a desistência do magistério, pois são constantes os fatores como estresse, associados ao *cyberbullying*.

Não obstante, o *cyberbullying* é nocivo para a vítima e para o agressor. Enquanto vítima o sujeito devido a enorme pressão, fica fragilizado apresentando problemas de comunicação, socialização, aprendizado é prejudicado, possui pouca autoestima, ansiedade, falta de apetite e também pode cometer suicídio. Enquanto agressor apresenta falsa sensação de poder, fraco envolvimento escolar e familiar, propensão em se envolver em atos criminosos físicos, e assim como a vítima pode desenvolver comportamentos antissociais e cometer suicídio.

Partindo destas considerações, objetivamos neste artigo analisar a concepção de estudantes do 1º ao 3º ano do Ensino Médio sobre a temática *cyberbullying* de alunos contra professores, e conceber nessa perspectiva se consideram o *cyberbullying* uma violência, e quais as origens desta ação.

Caminhos metodológicos

Para a produção de dados, realizamos dezesseis questionários relacionados a temática de *cyberbullying* de alunos contra seus professores para alunos de 1º ao 3º ano do Ensino Médio de uma escola Estadual de Ensino Integral de São Carlos – SP, ou seja, é lícito ressaltar que nesta escola investigada ocorre a proposta do Estado de São Paulo de Ensino Integral, ou seja, a mesma coloca em relevo, para além de conteúdos acadêmicos, conteúdos socioculturais e a possibilidade de vivências direcionadas à qualidade de vida, ao exercício da convivência solidária, à leitura e interpretação do mundo em sua constante transformação.

O questionário consiste em cinco afirmativas que buscam expressar a extensão do acordo dos alunados com cada questão, usando a escala *Likert*, que é uma escala de resposta psicométricas usada em pesquisas de opinião, ao responderem a este questionário, os perguntados especificam seu nível de concordância com cada afirmação. As cinco indagações disponibilizadas aos estudantes foram: 1) Os alunos tornam-se praticantes de *cyberbullying* porque querem apenas se divertir; 2) Os alunos tornam-se praticantes de *cyberbullying* porque têm problemas pessoais em suas vidas; 3) A prática de *cyberbullying* não é uma violência de fato pois não envolve atos físicos contra a vítima; 4) Os praticantes de *cyberbullying* contra seus professores foram muitas vezes vítimas de injustiças cometidas pelo

docente na sala de aula; 5) O *cyberbullying* é o meio mais fácil de o aluno se expor já que a instituição escolar não oferece nenhum suporte para tratar de questões acerca da relação de aluno e professor

Escolhemos os alunos de Ensino Médio por entender que estes já estão aptos a discernir os tipos de violência, bem como a origem destas no âmbito educacional, o que pode dar maiores indícios de quais perspectivas dos estudantes em seus últimos anos no processo de ensino educacional do nosso país detêm a respeito da prática de *cyberbullying* conta professores.

Os questionários foram coletados, no final do segundo semestre do ano de 2017. Ressaltamos que a participação e a identificação não eram obrigatórias. Posto isto, obtivemos 16 (dezesseis) questionários respondidos.

Embora não tenhamos grande abrangência no número de participantes nesta pesquisa, entendemos como de suma importância tencionar as discussões sobre a violência de *cyberbullying*, com enfoque na prática de alunos contra seus professores, buscando problematizar a violência simbólica que passa muitas vezes despercebida no campo da educação, tornando-se pertinente devido à proliferação dessa prática e a carência que as instituições educacionais detêm acerca deste tema.

Neste trabalho focaremos nossa análise nas cinco questões, pois acreditamos que as mesmas nos possibilitam compreender qual o entendimento que os estudantes de Ensino Médio possuem a respeito da violência de *cyberbullying* de alunos contra seus professores.

Na organização dos dados, lemos cada resposta e agrupamos as semelhantes, a fim de melhor organizar e analisa-las. Percebemos que, em meio a todas as respostas, o *cyberbullying* ainda não é totalmente visto como uma violência e que muitos alunos ficaram indiferentes a esta prática. Por isso, voltamos parte da nossa discussão a estas duas problemáticas postas em evidência pelos sujeitos participantes.

A concepção dos estudantes de Ensino Médio sobre *cyberbullying* de alunos contra seus professores

A partir da análise das respostas dos questionários averiguamos que: primeiro, a maior parte dos alunos entrevistados ficaram indiferentes a essa abordagem de violência simbólica contra seus professores. Esta declaração nos leva a crer que existe uma falta de debate que traga conhecimentos válidos para os discentes em relação a essa prática tão atual e presente no cotidiano escolar.

Segundo, o *cyberbullying* ainda não é totalmente visto como uma violência de fato, por não envolver precisamente a agressão física. Essa questão confirma que é necessário promover um diálogo sobre o tema, evidenciando sua importância para esfera escolar, como forma de conscientizar e prevenir conflitos não só na relação de aluno-professor, mas também na instituição educacional como um todo, tendo em vista que essa violência deve ser encarada como tal e discutida coletivamente a fim de minguar os prejuízos acarretados na formação dos alunos e na carreira dos professores.

O *cyberbullying* se enquadra no conceito de violência simbólica, concepção elaborada pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, que consiste em uma forma de violência exercida pelo corpo sem coação física, que causa danos morais e psicológicos. Trata-se ainda, de um mecanismo utilizado de forma sutil por classes dominantes a fim de legitimar certas crenças, comportamentos ou tradições. No âmbito escolar, conforme aponta Bourdieu, é um meio onde se verifica nitidamente a presença de violência simbólica, tratando-se de um campo eficaz para legitimar as reproduções das estruturas sociais e que impõe uma série de

barreiras e problemas para efetivação de um ensino multidisciplinar que valorize a educação. Por derradeiro, enfatiza Zuin (2008), que devido a facilidade de acesso e a possibilidade de anonimato, a violência que as vezes não é exposta em sala de aula, se torna pública na internet, através do *cyberbullying*.

Embora o *cyberbullying* não consista em agressões físicas, ele é tão danoso comparado a uma agressão física. O abuso sofrido pela vítima de *bullying* virtual, no geral é psicológico, como em casos em que a vítima tem sua imagem denegrida, sofre retaliação por alguma característica sua, é humilhada no ambiente virtual e exposta ao ridículo. Além disso, essa *cyberagressão* não tem limite de tempo e espaço para acontecer, isto porque em casos de violência presencial, a vítima manter contato com o agressor fisicamente, limitando-se ao espaço onde as agressões costumam ocorrer, como por exemplo, na escola. No caso do *cyberbullying* o agressor tem sempre a vítima a seu alcance, a qualquer momento. Todavia, estas agressões podem acabar se tornando físicas, sendo este tipo de violência, aliada a ameaças e publicações constrangedoras online tornam-se uma arma poderosa para violência no ambiente escolar, do qual precisa ser clarificada quanto as causas e aos efeitos da *cybergressão* de alunos contra professores.

Contudo, a violência contra os mestres não pode ser compreendida como apenas um fato que ocorre entre agressor e vítima e tampouco como ocorrência exclusiva da sala de aula. É um dilema bem mais amplo que envolve questões de saúde pública, culturais e sociais, do sistema de ensino e também do Poder Judiciário. Sendo ainda necessária a reflexão sobre os efeitos nos debates públicos e midiáticos sobre a realidade enfrentada pelo professor. Isto significa repensar o papel de autoridade do professor que vem se dissolvendo e seu papel no processo formativo de sujeitos intelectuais e conscientes, concomitantemente voltando o olhar para a sociedade que tem colocado o professor num papel hipossuficiente e fraco no qual se torna alvo fácil para eventuais violências cometidas por alunos.

Em relação à origem do *cyberbullying* de alunos contra professores identificamos que: a maioria dos entrevistados julgou a origem da prática de *cyberbullying* proveniente de problemas pessoais em suas vidas.

Relacionamos esse dado explicitado pelos alunos com o contexto social que estão inseridos, levando em consideração as relações de autoridade que enfrentam e que geram reações como o *cyberbullying*. Engendra-se neste momento que as atitudes que os alunos desenvolvem frente a figura do docente origina-se do quadro social em que vivem.

Freud no texto “Algumas reflexões sobre a psicologia escolar” (1914) coloca que estamos inclinados ao que a psicanálise chamou de ambivalência, expondo a frase “amá-los e odiá-los, criticá-los e respeitá-los”. Com esta concepção, é plausível assegurarmos-nos de que os sentimentos ambivalentes e a idealização de eu dos alunos para com seus professores são cruciais para o processo educacional-formativo, pois é neste momento, quando se opõem ao docente, que os alunados desenvolvem mecanismos de autodisciplina, originando a consciência moral, a fim de manifestarem uma capacidade intelectual qualificada para estar no mesmo patamar do professor.

Entretanto, é também a partir desta ambivalência que pode ocorrer as agressões cibernéticas, a fim de expor todo ressentimento. Com a figura do professor em demasiada perda de autoridade, os alunos encontram na internet um canal extremamente eficiente para poder extravasar suas desilusões, frustrações e principalmente o ódio e ressentimento em relação ao docente, e como observamos isso não deriva apenas de um problema dentro do campo educacional, ultrapassa os muros da escola e se origina também de problemas pessoais. Em suma, as novas gerações de estudantes encontram na figura do docente uma oportunidade para expor todo sentimento negativo que retêm devido a situações dentro do

quadro escolar como também fora dele, como por exemplo, problemas familiares que são, à grosso modo, descontados no professor.

Na instituição educacional, as consequências destes fenômenos afetam a maioria das pessoas presentes, desde os professores, coordenadores, inspetores até aos auxiliares de ação educativa e afins. Algumas consequências que afetam o meio escolar são: alta rotatividade do quadro de funcionários, com muitos pedidos de demissão; desrespeito e até agressões pelos professores devido ao estresse decorrente do *cyberbullying* de alunos; elevado número de faltas docentes; desistência do professor de sua profissão, etc.

Por fim, ficou claro que devido a escola que os pesquisados estão inseridos e ao maior contato que possuem na relação com os professores faz com que haja menores conflitos entre ambos. Porém ainda há um déficit desses estudantes no conhecimento do que é o *cyberbullying* e violência simbólica.

O programa de Ensino Integral foi iniciado em 2012, sendo uma alternativa para adolescentes e jovens ingressarem numa escola que, ao lado da formação necessária ao pleno desenvolvimento de suas potencialidades, amplia as perspectivas de autor realização e exercício de uma cidadania autônoma, solidária e competente. O Programa Ensino Integral oferece também aos docentes e equipes técnicas condições diferenciadas de trabalho para, em regime de dedicação plena e integral, consolidar as diretrizes educacionais do novo modelo de escola de tempo integral e sedimentar as possibilidades previstas para sua expansão.

Esse sistema de educação faz com que os alunos e professores sejam reconhecidos entre si pelo nome, devido a maior aproximação que detêm dentro da escola, sendo assim, desenvolvem uma aproximação pedagógica que tem consequências positivas na formação do discente. Em nossa pesquisa com os estudantes desta escola, observamos que não há grandes problemas em relação ao professor, isso devido a convivência constante de ambos, gerando uma afinidade maior.

Todavia, ainda há um fator preocupante que se resume na falta de debate nessa escola sobre o *cyberbullying*, e que os alunos no geral, não encaram esse abuso cibernético como uma violência de fato por não envolver agressões físicas. Cabe a instituição escolar servir como meio de integração social, e não como meio apto a fomentar a discriminação, principalmente em fatores que versam sobre violência contra o professor. Deve-se fornecer meios para formar um cidadão consciente, capaz de discernir e lutar em desfavor de práticas que, embora sutis, engessam e legitimam práticas de violência simbólica.

Algumas Considerações

O presente trabalho buscou mensurar a perspectiva de alunos de Ensino Médio sobre a ocorrência do *cyberbullying* contra professores, visando obter maior compreensão deste fenômeno. Por meio da coleta e análise dos questionários aplicados, foi possível perceber a dimensão e a gravidade desta modalidade de *bullying*, com a constatação de que essa prática ainda não é totalmente vista como violência e que a maioria dos alunos preferiram se manter indiferentes em relação ao tema.

Concluimos que, apesar da escola em que aplicamos os questionários não possuir grandes problemas de *cyberbullying* de alunos contra seus professores, há, no entanto, uma carência acerca do assunto. Ao permanecerem na indiferença na maioria das questões colocadas, os alunos evidenciam a falta de conhecimento sobre o *cyberbullying*, e consequentemente sobre o que define uma violência simbólica.

O escopo principal é que as escolas primeiramente se conscientizem de que este problema é real e coloquem o tema em pauta para que os alunos entendam a complexidade desses atos, através do debate e da prevenção. Preza-se que a escola ensine a olhar para o outro, criando relacionamentos saudáveis entre alunos e professores, que dê vós aos alunos para que o ambiente seja equilibrado, fortalecendo os vínculos entre alunos e professores, dar exemplo em não agir com autoritarismo e sobretudo alertar sobre os riscos da tecnologia. Cabe ainda a instituição escolar reconhecer os sinais do *cyberbullying*, como a mudança de comportamento tanto dos professores quanto dos alunos, fazer um diagnóstico constante para saber e entender os descontentamentos de docentes e discentes em relação ao âmbito educacional, para assim propor melhorias para ambos, identificar e intervir em casos identificados como *cyberbullying*, pois apesar de ocorrerem fora da escola, condenam drasticamente o processo formativo do aluno dentro da escola em questão, por fim, encaminhar os casos extremos para outras instâncias, como delegacias especializadas em crimes digitais.

Referências

ADORNO, T. W. *Tabus acerca do magistério*. In: ADORNO, T. W. Educação e emancipação. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

ARTINOPOULOU, Vasso. A Violência na Grécia: panorama das pesquisas e estratégias de ação. In: DEBARBIEUX, Éric. *Violência nas escolas: dez abordagens europeias* – Brasília: UNESCO, 2002. p. 153 – 174

BLOMART, Janine. Evitando a violência no ambiente das escolas primárias. In: DEBARBIEUX, Éric. *Violência nas escolas: dez abordagens europeias* – Brasília: UNESCO, 2002.

BOTLER, Alice Miriam Happ. Injustiça, conflito e violência: um estudo de caso escola pública de Recife. *Cadernos de Pesquisa*. v. 46, n.161, p. 716-732. jul./set. 2016.

BOURDIEU, Pierre. *Poder simbólico*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil LTDA, 1989, v. único.

CAO, Bolin; LIN, Wan-Ying. *How do victims react to cyberbullying on social networking sites? The influence of previous cyberbullying victimization experiences*. Computers in Human Behavior, 458-465, 2015.

Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0747563215004483>. Acesso em: 22 de outubro de 2017

DARLEY, John M; LATANÉ, Bibb. *Bystander intervention in emergencies: diffusion of responsibility*. Journal of Personality and Social Psychology, 377-383, 1968.

Disponível em: <http://psycnet.apa.org/index.cfm?fa=buy.optionToBuy&id=1968-08862-001>. Acesso em: 23 de outubro de 2017

DUBET, François. A escola e a exclusão. *Cadernos de Pesquisa*. SP, n.119, 2003, p. 29-45, jun.

DURÃO, A. Fabio; ZUIN, A. S. Antônio; VAZ, F. Alexandre. *A indústria cultural hoje*. São Paulo: Boitempo, 2008.

GUARÁ, Isa Maria F. R. Educação e desenvolvimento integral: articulando saberes na escola e além da escola. *Em Aberto*, Brasília, v. 22, n. 80, p. 65-81, abr. 2009.

KYRIACOU, C.; ZUIN, A. Cyberbullying of teaches by students on Youtube: challenging the image of teacher author in the digital age. *Research Papers in Education*, p. 1-19, 215.

Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02671522.2015.1037337>.

Acesso em: 10 de novembro de 2017

MIA, A. Fernando; ZUIN, A. S. Antônio; LASTÓRIA, A. C. N. Luiz. *Teoria crítica da cultura digital: aspectos educacionais e psicológicos*. São Paulo: Nankin, 2015. 224 p.

MONTOYA, Yves. Violência nas escolas: orientação e situação atual das pesquisas na França. In: DEBARBIEUX, Éric. *Violência nas escolas: dez abordagens europeias – Brasília: UNESCO*, 2002.

POSTMAN, Neil. *O desaparecimento da Infância*. Trad. de Suzana Menescal de A. Carvalho e José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro: Graphia, 2005. 192 p.

SALLES, L.; FONSECA, D. C.; ADAM, J. Sobre violência e violência na escola: considerações a partir da literatura na área. In: LUIZ, Maria C. (org). *Conselho escolar e o desafio da violência na escola: perspectivas de diálogo e convivência*. São Carlos: Edufscar, 2016

SIQUEIRA, C.; MARISA I.; GOMES M. S. Educação Integral no Brasil: potencialidades e limites em produções acadêmicas sobre análise de experiências. In: *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, Rio de Janeiro, vol. 24, núm. 90, pp. 225-248. 2016.

Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/3995/399544484011.pdf>. Acesso em: 22 de novembro de 2017

SULER, John. *The online disinhibition effect*. *Cyberpsychology e Behavior*, 321-326, 2004.

Disponível em: <http://online.liebertpub.com/doi/abs/10.1089/1094931041291295>.

Acesso em: 20 de outubro de 2017.

BÉGAUDEAU, F. *Entre os muros da escola*. Trad. de Marina Ribeiro Leite. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

TÜRCKE, Christoph. *Sociedade Excitada: Filosofia da Sensação*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010. 319 p.

ZALUAR, Alba; LEAL, Maria Cristina. A violência extra e intramuros. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* – vol. 16, n° 45, 2000.

ZUIN, A.S. Antônio. A cultura digital, o professor-criança e o aluno-adulto. *R. Educ. Pública*. Cuiabá. 2016. v. 25, n. 59, 329-339.

ZUIN, A.S. Antônio. *Cyberbullying contra professores: dilemas da autoridade dos professores na era da concentração dispersa*. São Paulo: Edições Loyola, 2017.

ZUIN, A.S. Antônio. *Violência e tabu entre professores e alunos: a internet e a reconfiguração do elo pedagógico*. São Paulo: Cortez, 2012. 262 p.